

A História da Geografia no Brasil

Professor Manoel Fernandes de Sousa Neto¹ (UFC)
Palestra² no auditório da FFP/UERJ São Gonçalo
poesiamaano@uol.com.br

Eu queria, inicialmente, agradecer a possibilidade de estar aqui esta noite e dizer para aqueles que ainda não conheço que estar na Faculdade de Formação de Professores da UERJ de São Gonçalo é estar entre amigos: [Charles amigo de longa data, Santana, Karol, Marcos do Couto, Cláudio, Jorge Mitrano e Marcela Rangel]. Além dos amigos mais próximos encontrei também o Igor e outras pessoas que eu vejo na AGB e no movimento estudantil em muitos lugares deste País. Queria dizer que me sinto em casa, me sinto bastante à vontade para nós termos essa conversa hoje, ao ponto de mais despreocupadamente sentar à mesa não como convidado, mas como uma espécie de irmão que veio visitar a família e rever os parentes que ainda não conhecia.

Muito bem, o tema dessa prosa à boca da noite é História da Geografia no Brasil e diria, já na pronuncia dos primeiros vocábulos, que este tema é ainda uma espécie de campo aberto, onde há muito o que fazer. Agora a pouco o [Santana] acabou de me lembrar que esse ano haverá um Encontro Nacional de Geógrafos na cidade de João Pessoa, agora em julho e esse encontro antecede o Congresso que ocorrerá em 2004 e vocês devem saber que a AGB surgiu em 1934, portanto daqui a dois anos a AGB vai estar com 70 anos. Então, eu poderia fazer um histórico da AGB, do papel da AGB no Brasil, mas eu não vou falar sobre isso, eu não vou falar sobre a AGB.

Eu sei ainda que existe uma outra instituição bastante importante aqui no Rio de Janeiro que é o IBGE. O IBGE surgiu em 1937, mas eu também não vou falar do IBGE. Eu poderia falar das Universidades brasileiras onde se formaram geógrafos no Brasil da década de 1930 para cá, poderia falar da Universidade de São Paulo que tem um curso que existe desde 1934; poderia falar da Universidade do Distrito Federal que passou a ser Universidade do Brasil e hoje é a Universidade Federal do Rio de Janeiro e existe desde 1935, mas também não é da formação dos profissionais geógrafos nas universidades brasileiras que pretendo conversar com vocês.

Em outras palavras não tenho a pretensão de conversar com vocês sobre aquilo que muitos já sabem, mas sobre as coisas ainda por conhecer entre nós e que repousam sob a poeira do esquecimento. Espero que entendam a minha recusa de falar sobre umas histórias e que acolham a escolha por outros caminhos.

Não estou querendo negar a validade da história da Geografia que passa pela AGB, IBGE, universidades. É claro, por exemplo, que se você puder descrever na Revista Tamoios, é importante dizer que esta faculdade (a Faculdade de Formação de Professores da UERJ) já tem uma história e uma história que efetivamente precisa ser contada e que eu acho que as pessoas aqui estão tentando contar, que é produto de todo esse processo histórico que a gente tem aí.

Bom eu falei aqui de três instituições, ou pelo menos em três campos institucionais, um mais ligado aos profissionais, digamos assim, de forma extensa no caso a AGB (1934); um mais ligado à questão do planejamento, no caso do IBGE (1937); e outra(s) mais ligada(s) à formação acadêmica no caso as universidades brasileiras (1934/1935) formadoras de geógrafos. Se vocês por ventura abrirem qualquer manual ou consultarem alguns poucos textos que versem sobre a história da Geografia no Brasil eles vão se reportar exatamente à estas datas e a estas instituições, correto? Quem já fez aqui alguma disciplina ligada a isso, vai se deparar exatamente com estes marcos historiográficos e institucionais.

O que nós estamos tentando fazer, quando eu digo nós, falo um grupo expressivo de pesquisadores que hoje atua nessa área, é contar a história da geografia no Brasil que ainda não foi contada, uma história da geografia no Brasil que ainda está por ser, digamos assim, construída, que é uma história que antecede à década de 1930.

Vocês já ouviram falar da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, a SGRJ? Quem já ouviu falar aqui? Você já ouviu falar? Não? Porque na realidade foi uma instituição fundada em 1883 e muitos poucos conhecem, logo não espanta saber que a maioria desconheça. Vocês sabiam que

havia aqui no Brasil uma instituição que era uma seção da Sociedade Geográfica de Lisboa da década de 70 do século XIX? Sabiam que se produziu muita geografia por dentro da Academia Real Militar? A gente podia dizer inclusive que houve uma instituição que produziu muita geografia no Brasil, muito saber geográfico, chamado IHGB (Instituto Histórico Geográfico Brasileiro), que foi fundado inicialmente no ano de 1838, ou seja, exatamente quase 100 anos antes do IBGE.

E por que é que agora um grupo de malucos está querendo contar uma história, que é diferente daquela história que sempre foi contada? Por que é que agora, algumas pessoas estão a remexer velhos papéis, para contar ou para dizer de geógrafos, ou de geografias, ou de saberes geográficos existentes antes daquele saber geográfico ou daquele período tido como período fundador da geografia no Brasil? Eu vou dizer três das razões fundamentais.

A primeira delas: sempre fizemos História das Ciências a partir da história da ciência dos países ditos centrais, correto? Vou dar um exemplo atual: se você quer saber quais são os pesquisadores em física que mais produzem, qual é um dos principais critérios? O critério de saber quantas vezes ele foi citado em *papers* internacionais de revistas indexadas. Então você pode ter um cara muito bom em física na Faculdade de Formação de Professores da FFP, se aqui tiver um curso de física que forme professores de física, ele pode ser excepcional, pode ser um pesquisador de mão cheia, mas se ele não for muito citado, em nível internacional, ele não vai ser reconhecido como um bom pesquisador, correto?

Cláudio Barbosa da Costa esses dias participou comigo em São Paulo de uma reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia (ANPEGE), onde foi anunciado que daqui a algum tempo instituições de pós-graduação e órgãos de fomento à pesquisa podem vir a acabar com os cursos de mestrado acadêmico. Só vai ter espaço para os mestrados profissionais pagos. É assim que o governo de Fernando Henrique hoje bate o facão e diz: só quem for doutor vai poder entrar nas universidades brasileiras, sendo que não há um só doutorado em Geografia no Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Nós podemos ver outras coisas com relação aos parâmetros de ciências, ou seja, em outras palavras, só os parâmetros de ciência internacional é que valem para nós pensarmos a produção da ciência nos países ditos colonizados, nos países ditos periféricos, então para poder fazer ciência, nós temos que fazer ciência do jeito que se faz na Europa e Estados Unidos, certo?

É por isso que o período que antecedeu 1930 foi considerado por muito tempo como pré-institucional ou como pré-científico, só que quase ninguém disse que havia, por exemplo, geólogos e geógrafos-físicos importantíssimos aqui, como um cientista americano chamado Charles Hart que publicou em 1878 um livro intitulado *Geologia e Geografia Física do Brasil*, um livro inclusive fabuloso; quase ninguém diz que houve comissões científicas de exploração, que viajaram pelo território nacional, fizeram levantamentos interessantíssimos da flora, da fauna, das condições físicas mais gerais, isso quase ninguém fala. E já que naquela época, portanto, se produzia saber geográfico, só que os métodos não necessariamente eram os mesmos métodos que eram utilizados na Europa, não necessariamente eram os mesmos métodos que eram utilizados, "aspeadamente", no "centro do mundo"; não foram reconhecidos como válidos. Então a briga é para que nós deixemos de pensar que a ciência só passou a existir entre nós depois que foram fundadas universidades, instituições de pesquisa, institutos como o IBGE. Não. Antes já havia uma ciência produzida por nós, só que era preciso eurocentricamente etiquetar essa ciência como não válida, não legítima. Por quê? Porque ela ainda não acompanhava esse processo de fazer ciência. Então a primeira briga é essa, é dizer que o que nós fazíamos aqui era ciência geográfica ainda antes da década de 30 do século XX, essa é a primeira coisa.

A segunda coisa é ao apontar para esse tipo de história, começar a desmascarar algumas histórias que ainda hoje são contadas por aí. Exemplo: dizem que os primeiros professores de geografia do Brasil foram formados na USP, essa é uma meia verdade. Os primeiros professores de geografia no Brasil foram formados num Curso Livre de Geografia dado em 1920, salvo engano, não sei se a data é exatamente essa, mas na década de 20 foi criado um curso por dentro da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, organizado por dois professores que não eram professores universitários, Everaldo Bekhauser e Delgado de Carvalho. Como foi um curso ministrado no Rio de Janeiro e não em São Paulo, mudam as cidades, mudam as instituições, mudam as pessoas, só pra vocês terem uma idéia do que é que pode mudar nessa história.

Vocês sabem onde aconteceu o primeiro Congresso Brasileiro de Geografia? Que teve re-

presentantes de todo o território nacional, doze seções e trabalhos sobre geografia-matemática, geologia, climatologia e ensino de geografia, dentre outros. Vocês sabem em que ano aconteceu o primeiro Congresso Brasileiro de Geografia? Foi em 1934 com a data da fundação da AGB? Não. Foi em 1909 na cidade do Rio de Janeiro. Se vocês tiverem a oportunidade de manusear os anais desse Congresso irão encontrar lá uma quantidade imensa de nomes, dígitos, sons, que já aquela época produziam geografia ou um saber geográfico que a gente precisa no mínimo considerar.

E a terceira razão pra fazer este recuo historiográfico qual é? É a seguinte: não se conta a história desse país sem saber que geografia foi produzida nele, porque foi esse saber geográfico que produziu também esse país. Vamos tentar explicar um pouco o que é que isso significa. Era o Brasil em termos territoriais no século XVI? Era aquele recorte do Tratado de Tordesilhas, vamos ver se a gente consegue pensar naquele recorte das famosas Capitanias Hereditárias. Depois tivemos dois Estados portugueses na América, um que era o Brasil e outro o Estado do Grão-Pará. Além disso, havia o mito de que o Brasil era uma imensa ilha, sendo parte dela cercada pelas águas do Atlântico e parte cercada pelas águas do São Francisco e do Tocantins, depois Amazonas e Prata. Aí vocês podiam me perguntar o que isso tem a ver conosco, o que tem a ver com história da geografia no Brasil?

Alexandre Gusmão que era diplomata português conseguiu fazer dizer que nós conhecíamos o território brasileiro porque havíamos medido o território brasileiro, sabíamos a extensão dele, sabíamos até onde ele ia, inclusive comprovando isso por intermédio de cartas, de levantamentos realizados com esse ainda frágil esquadramento do território, e aí o que foi que houve? Nós trocamos o reconhecimento da Espanha, de que esse território mais a oeste era propriedade de Portugal por uma possessão portuguesa nas Filipinas. As Filipinas eram portuguesas, e passaram a ser, à época, propriedade espanhola e aí você pode entender o que tem a ver a história do Brasil com as Filipinas. Mas o que é que garantiu que o território fosse “conquistado”, pelo menos até Santo Idelfonso, num conclave diplomático internacional? Foi o conhecimento efetivo do território, foi o saber do território, foi tê-lo esquadornado, foi tê-lo construído do ponto de vista representacional, foi isso que permitiu Alexandre Gusmão postular suas teses.

Então eu diria que a história da geografia no Brasil é fundamental, para que nós pensemos como este País foi se constituindo. Pensando essa constituição sob diversos aspectos e não apenas territorialmente. Esse foi um País que experimentou a violência da escravidão e a violência contra os índios, e isso não dá pra gente esquecer; foi um país que na expansão para o oeste, que é a lógica efetiva do processo de expansão do capital, significou o assassinato de milhares, de milhões de pessoas. Havia nove milhões de índios e hoje tem 200 mil, segundo alguns dados que são colocados por aí e já não dão mais conta da realidade. É um país que ainda hoje é marcado por essa história, por essa história de violência, física e psicológica.

Por nós não temos feito essa história do saber geográfico no Brasil anterior a 1930 permitimos que uma série de mitos se constituíssem como verdades quase incontestes. Quer ver algumas coisas que nós aprendemos na escola: o Brasil é atrasado, porque foi colonizado por Portugal; segunda, o Brasil é atrasado por que ele é um país que fica nos trópicos, então a torridez tropical faz as pessoas terem preguiça, malemolência, produzirem pouco; depois nós somos um país atrasado, por que somos um país mestiço, porque aqui na canícula do calor dos trópicos e tal, o sexo rolava de forma louca entre portugueses e índios e negros e aí a mestiçagem acabou barafundando tudo e arruinando o que podia haver de bom nas raças puras e por isso também nós éramos atrasados.

Ainda hoje se você pára nos pontos de ônibus tem gente que diz mais ou menos assim: rapaz se por acaso os holandeses não tivessem sido expulsos do Brasil, hoje a história seria outra, mentira! Se fosse a Inglaterra o negócio seria outro, mentira! Nós fomos colônia inglesa, parte de nós foi colônia holandesa, e as coisas eram tão terríveis, ou mais terríveis do que com os portugueses. Não era lógica de ser português ou não, era lógica colonial. Esse era o problema, é que nós temos o passado colonial e não podemos negar isso, e tem uma geografia colonial que a gente precisa ver e isso exige um recuo histórico ainda maior.

E que tem a ver todo esse processo de outros presentes históricos com a nossa história hoje? Porque quando se fala hoje em neoliberalismo, quando se fala em globalização, quando se fala em ALCA, isso tem a ver com um projeto de recolonização. E pra quem já foi colônia esse debate é importantíssimo, por que, por exemplo, o que tem a ver a CLT com a ALCA? A flexibilização da lei do trabalho com a ALCA? Tudo. É preciso quebrar os direitos dos trabalhadores como se quebrou

os direitos das pessoas de viverem sua humanidade, por exemplo, trazendo para cá negros da África sob a dureza do ferro e a crueza do fogo, para aqui comercializados. A ALCA é quase que um retorno a escravidão porque precisa disso, quebrar com um direito dos trabalhadores, completamente. Então o que eu quero dizer, é que também estudar essa história, da geografia do Brasil, pra compreender a história desse país e a conformação dessa sociedade, tida como atrasada por estes aspectos que eu lhes coloquei em função dos muitos mitos que aqui foram constituídos, tem a ver com a nossa história, hoje, tem a ver como que nós estamos a fazer, agora. Eu sei que o salto parece grande, não é? Não tem nada a ver a escravidão com a ALCA; não tem nada a ver a biopirataria com o fato de que muitos cientistas estrangeiros vinham aqui e coletavam, informações acerca das riquezas naturais; não tem nada a ver, as questões dos limites territoriais com, o Acordo do Livre Comércio das Américas que vai acabar digamos assim, com fronteiras alfandegárias; não tem nada a ver então uma coisa com a outra. Aparentemente não tem nada a ver.

Qual a tarefa de quem estuda história da geografia no Brasil ou saberes geográficos? E por que eles ficaram por tanto tempo adormecidos, no período anterior a 30? Porque não é possível, e essa é a tese fundamental que eu queria defender esta noite, compreender a história desse país sem saber que geografias foram produzidas aqui, mesmo antes que aqui houvesse geógrafos ou instituições geográficas, como as universidades, como os IBGEs da vida, como as associações de geógrafos? É tarefa nossa saber disso. E por que é tarefa nossa saber disso? Porque boa parte das coisas só será explicada quando nós soubermos como explicá-las e portanto é preciso fazer uma pesquisa documental, com relação às fontes, eu diria bastante criteriosa. É preciso que se intervenha nesse trabalho de forma bastante cuidadosa para que nós tenhamos algum tipo de resposta para as questões que estamos agora a levantar.

Em artigo publicado na Terra Livre nº 15, exatamente no ano em que se discutia a questão dos 500 anos do Brasil, foi resultado de uma discussão em que a pergunta era: o Brasil é uma invenção ou uma construção? Porque se é uma invenção qualquer pessoa pode dizer o que esse país é, correto? A gente inventa e des-inventa do jeito que a gente quer. Agora se ele é uma construção histórica, aí é diferente, aí é outra história, aí é outra coisa, e essa construção precisa ser pensada. Então para mim não é uma invenção, para mim é construção. E se é construção, ela é ao mesmo tempo construção do território, construção da sociedade que habitou esse território, que produziu esse território. Construção de uma série de mitos que precisam ser destruídos, como exatamente, o mito do clima, o mito da miscigenação, o mito do atraso pela colonização portuguesa, são tarefas nossa como geógrafos nesse momento, evidentemente rever essa história, contar a história que ainda não foi contada. E por que é que é importante contar a história que ainda não foi contada? Porque só ao contá-la nós vamos ter dimensão do que somos, eu não vejo outra possibilidade. E aí isso significa uma posição política fundamental, significa dizer, primeiro que a história não acabou, que a velha senhora está de novo aí de pé, mais jovem do que nunca, contra volta de toda barbárie. E, portanto, dizer aquilo que disse uma vez *Frederic Jameson*, historicizar sempre é papel nosso eu acho, papel do estudante em geografia, daqueles que agora estão entrando, que estão tomando pé do que significa essa ciência para esse país, que não dá para pensar o país sem pensar que geografia efetivamente produziu esse país ao longo de toda a sua história. Obrigado!

Notas

1. Professor de Geografia Humana e Econômica para os cursos de Sociologia e História, Metodologia e Prática de Ensino de Geografia da Universidade Federal do Ceará; doutorando em Geografia pela USP.

2. Promoção da Seção local da AGB-Niterói e do Departamento de Geografia da Faculdade de Formação de Professores/UERJ no dia 27/03/02 em São Gonçalo-RJ.